

LEOCÁDIA: UMA HISTÓRA SOBRE A FORMAÇÃO DA VILA BEIJA-FLOR OU O PODER DO DINHEIRO E DO PRESTÍGIO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-017>

Data de submissão: 02/04/2025

Data de publicação: 02/05/2025

Maria Simara de Aguiar

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) – Linha I – UNEB
Salvador - Bahia - Brasil
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7927492894310742>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3939-7987>

Oton Magno Santana dos Santos

Professor credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da
Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador - Bahia - Brasil
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1727487434803907>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6872-4799>

RESUMO

A literatura e a história sempre se mantiveram bastante próximas. Apesar de cada uma demarcar bem o seu campo de atuação, elas são interdependentes, ou seja, não dá para se falar em literatura sem levar em consideração o momento histórico em que determinada obra foi produzida, como também a época e o estilo de vida que esta obra representa. Com a história não é diferente, pois são feitos diálogos constantes com a literatura. O presente artigo pretende discutir as relações de poder e dinheiro na formação da Vila Beija-Flor a partir da análise do romance *Leocádia*, de Elísio Cardoso Guimarães; uma obra que é, na verdade, o registro de uma narrativa oral, que retrata os costumes e a economia da sociedade do final do século XIX. Nessa atmosfera de poder, marcada pela divisão de classes e extrema pobreza, onde prevalecia a lei do mais forte, começou a se formar o vilarejo, atualmente município de Guanambi-BA.

Palavras-chave: Literatura e História. Memória. Dinheiro e Prestígio. Poder.

1 INTRODUÇÃO

Todo texto, literário ou não, é um produto da sociedade que o criou e não apenas de seu autor, pois as condições históricas da produção, assim como o lugar social do escritor e as relações sociais de poder que envolvem o objeto influenciam e, muitas vezes, penetram no texto, deixando suas marcas. Assim, ao leremos um texto é importante nos atentarmos às questões de historicidade, pois ajudará a compreendê-lo, uma vez que as percepções do social não são imparciais. Segundo Antonio Cândido, (1985, p. 24), “a criatividade, a imaginação e a originalidade partem das condições reais do tempo e do lugar, as quais, ressaltamos, podem ser concretas ou não, da existência social e de suas experiências”. Para ele, a literatura é, de certo modo, um registro social e cultural, pois envolve memórias e agrega valor temporal e histórico. Atadas a essa historicidade, estão também as questões econômicas que permeiam as histórias. Sim, a literatura (em todos os gêneros) está repleta de ideias sobre economia. Ela esteve e está presente em toda a história da humanidade. De início com o escambo – troca pura e simples – e posteriormente com a moeda, como facilitador comum, a partir de uma atribuição prévia de valores.

Dificilmente pensamos em dinheiro ou questões econômicas quando estamos imbuídos/entretidos em uma leitura literária. Todavia, ao nos atermos à obra, percebemos que a economia está ali muito presente, de forma explícita ou nas entrelinhas, direta ou indiretamente, “a economia move o mundo” e, consequentemente, alimenta e dá subsídios a suas histórias, sendo parte importante dos livros, demarcando uma época ou apenas contribuindo com o desenvolvimento da trama. Para mencionarmos alguns exemplos mais conhecidos, podemos citar *Robinson Crusoé* e *Moll Flanders*, de Daniel Defoe, *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare, *Persuasão*, de Jane Austen, *Senhora e Lucíola*, de José de Alencar, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Se houver amanhã*, de Sidney Sheldon, diversos poemas de Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e praticamente tudo de Charles Dickens. Essas obras retratam, entre outras questões, que, a depender de onde se está, o dinheiro pode valer mais ou menos, mas sempre tem um valor alto, especialmente para quem não o tem. Ele compra praticamente tudo, inclusive o amor, pois coloca seu possuidor em uma posição superior. Até mesmo a vida é posta em negociação para sua obtenção; o dinheiro não é tudo, no entanto pode ser suporte em diversas situações, na ficção e na vida real. Na obra *The Moon Is a Harsh Mistress*, Robert Heinlein nos apresenta a expressão “Não existe almoço grátis”, para referir-se aos custos das oportunidades. Essa expressão não é nova e remonta a uma tradição antiga nos bares do velho oeste dos Estados Unidos que ofereciam comida de graça aos clientes que estavam bebendo nos estabelecimentos. Muitos dos alimentos servidos eram salgados, fazendo com que quem os comesse comprasse mais bebidas. A verdade é que nada é de graça,

há custo/dinheiro em tudo, o valor pode estar expresso ou oculto, mas tudo tem um preço. Assim Marx (2009, p. 78) definia o dinheiro: “O dinheiro é a essência alienada do trabalho e da existência do homem; a essência domina-o e ele adora-a”. Em resumo, as questões econômicas estão no âmago de toda a vida em sociedade; o dinheiro é a solução e também a causa para boa parte dos problemas sociais.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

No Brasil observa-se que há uma má distribuição de renda. Segundo relatório da ONU, publicado pelo G1, somos um dos recordistas na concentração de renda no mundo, onde 1% da população mais rica detém 28,3% da renda total do país, perdendo apenas para o Catar. Essa segregação social e o desequilíbrio de renda é secular, sendo uma herança do período colonial com influência dos modelos de posses latifundiárias e da escravidão. Na Bahia não foi diferente, pois foi o primeiro estado a ser colonizado, seu território foi dividido e entregue a pessoas influentes de Portugal.

Mas antes de partirmos ao ponto que dá título a este artigo, são necessárias algumas considerações sobre o romance histórico, uma vez que é ele que dá suporte a esta discussão sobre economia e poder. Assim sendo, a leitura do romance histórico se apresenta como uma importante possibilidade de acessar informações sobre o passado histórico, além de outros aspectos ideológicos e culturais vigentes à época representada e favorece uma compreensão mais elaborada no processo de formação da sociedade. O romance histórico *Leocádia* revela todo um processo histórico, econômico e cultural da época que representa. A literatura ecoa essa intertextualidade e nos ajuda a interpretar o que nos cerca. É sabido que o Patrimônio Histórico faz parte da identidade de uma sociedade, como também suas características, costumes e comportamentos, além de ser um registro fundamental para seus sucessores. Além das concepções apresentadas, vale acrescentar que a literatura sempre foi uma importante fonte para a história e vice-versa, cooperando para se entender questões políticas e sociais que regem determinadas práticas e comportamentos de qualquer povo. Desse modo, ao longo de mais de um século, diversas narrativas orais e escritas foram contadas e recontadas reproduzindo a história da jovem Leocádia, uma adolescente pobre, brutalmente assassinada a mando da esposa enciumada de um influente coronel. Em 1991 essas narrativas foram transformadas no romance histórico *Leocádia*, de autoria do escritor Elísio Cardoso Guimarães.

Ainda no que tange ao tratamento das narrativas, é necessário ressaltar a importância da oralidade que media os relatos, evoca as histórias, traz o passado à luz do presente por meio da edição da memória, travando uma ação contra o esquecimento. O narrador remodela e dá forma ao passado, torna presente o ausente; nos dá acesso a experiências que não teríamos de outra forma, permitindo-

nos adentrar ao fascinante campo do conhecimento. Assim, em relação ao trabalho com memória, Le Goff (1990, p. 448) afirma que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. Todavia, toda memória coletiva é fragmentada, tem lacunas, é permeada por valores e concepções e também, por isso, é plural.

A história local/regional está intimamente conectada com as histórias do cotidiano das pessoas comuns. São histórias, aparentemente, desprovidas de importância, contudo contribuem para o entrecruzamento de histórias tanto do presente como do passado, assim como para o resgate da identidade histórica e social. São histórias que alimentam e dão sentido ao presente e, ao mesmo tempo, ajudam a entender questões do passado, promovendo, inclusive, a compreensão e entendimento de questões econômicas atuais. As narrativas históricas ajudam a revelar questões encobertas pela passagem do tempo.

São essas narrativas que nos ajudam a esboçar um pouco da história do município de Guanambi, situado no alto sertão da Bahia, que tem sua origem a partir do povoamento da Vila Beija-Flor por volta de 1870, às margens do rio Carnaíba de Dentro. Essa pequena vila era o lugar de cruzamento e parada para os tropeiros que iam em direção a várias cidades do Estado da Bahia. Os tropeiros transportavam as mercadorias nos lombos de burros e vendiam em feiras no decorrer da semana. Às segundas-feiras, eles paravam na Vila Beija-Flor para dar água aos animais, fazer trocas de produtos e grãos e vender, na vila, a um preço mais barato, produtos que não tinham conseguido vender nas cidades visitadas; assim surgiu a feira de Guanambi, pois os pequenos agricultores também vinham a essas “paragens” tentar vender ou trocar seus produtos e saber das notícias, pois, naquela época, os tropeiros eram os transmissores das informações da região. Esse pequeno vilarejo foi crescendo marcado por diversos contrastes: de um lado, os coronéis e suas grandes fazendas com lavouras abundantes, gado criado à solta e senzalas; do outro, pessoas pobres e ex-escravizados com suas casas de pau a pique e agricultura de subsistência.

A vila foi se expandindo enquanto os problemas foram aumentando. No período da seca, a água não era suficiente para toda a população, então alguns coronéis reuniram-se com o propósito de construírem uma barragem rudimentar para armazenar água. A notícia foi divulgada pelos tropeiros e, assim, começaram a chegar à vila pessoas de diversas localidades, com o intuito de conseguirem algum trabalho. Dentre essas pessoas, estava uma adolescente pobre em busca de trabalho e comida – Leocádia. Como nos conta o escritor Elísio Cardoso Guimarães (1991, p. 11)¹:

¹ Dados retirados da tese de doutoramento de Maria Simara de Aguiar – PPGEL/UNEB.

A vida, para quem observa, é cheia de mistérios. Pessoas há que nascem, crescem e morrem num mundo repleto de bonanças e fantasias. Outras, num mundo abominável e de sofrimentos. Não podemos ter como lógica, a ilógica, porque seria ilógico ver a vida sem lógica. Deus, Criador, nada faz injustamente, nem sem justiça. Se Ele fez assim, é porque assim teria de ser feito. Se nós, por exemplo, sintetizarmos com cuidado, veremos que existem duas espécies de pessoas: a materialista e a espiritualista. Aquela tem seu galardão sempre aqui na terra e esta última não sabe, talvez, nem o que é isto. Assim como esta jovem que, naquele instante, deixava sua família, seu casebre, sua vida em busca de uma vida melhor, onde pudesse adquirir algum trabalho e arranjar algo para comer. Em busca, talvez, de um galardão. Já é um galardão algo que matasse a fome. A fome sua e de seus pais. Aquela fome que dói o estômago e degreda a alma. Aquela fome que transmite para os olhos, para as faces, para todo o ser. Para o ser comido pela fome.

3 SOBRE O QUE O DINHEIRO PODE COMPRAR

Leocádia passou a residir com uma tia na “Rua das Sete Portas”, um local de vida boêmia, com botecos e bordéis, sendo o endereço das pessoas pobres, em sua maioria ex-escravizados e também local de diversão de muitos homens da região, que buscavam o prazer em jogos e na companhia de cortesãs. Essa realidade se entrelaça com a evolução econômica do município, que atualmente gira principalmente em torno do comércio e serviços. Guanambi cresceu e se desenvolveu tendo como aporte a economia e uma forte influência patriarcal e escravista. A partir da Lei Estadual número 1.364, de 14 de agosto de 1919, a vila dá lugar ao município de Guanambi, que significa beija-flor em língua indígena². As histórias em torno da criação da cidade se imbricam com as histórias e lendas sobre Leocádia e seu bárbaro assassinato, revelando como o passado da cidade é indissociável das vidas que ali habitavam.

Na obra *Leocádia*, os comportamentos e atitudes demonstram o valor dado ao prestígio e ao dinheiro em uma sociedade marcada pela divisão de classes e exploração dos trabalhadores que pouco ou nada tinham. Como se expressa no fragmento a seguir, a senhora Raquel, esposa do coronel José Pedro:

- Isabel, Tereza, pra dentro! Não já lhes disse? [...] Já não lhes disse pra não brincarem com essa gentinha?

Isabel entrou enrubescida, de cabeça baixa, querendo chorar. Sensível como era, por qualquer coisa ficava magoada. O que não entendia era essa discriminação que sua mãe fazia e que sua irmã Tereza imitava, como uma herdeira espiritual de dona Raquel. Como as pessoas, pensava ela enquanto se arrumava para deitar, podem sentir que outras são piores, quando viemos e vamos para o mesmo lugar? Como as pessoas enxergam o mundo como se fosse seu, quando nem o nosso possuímos? Por que medir o status da pessoa pelo dinheiro que possui, quando na verdade ela poderá até nada ter, a não ser esse dinheiro? (Guimarães, 1991, p. 28-29).

A literatura contribui para a compreensão da economia, seja a nível global ou local, assim como adentrar na complexidade do dinheiro e seu poder. Todavia, entender a ligação entre economia e

² Informação encontrada no site da Prefeitura Municipal de Guanambi. Disponível em https://www.guanambi.ba.gov.br/texto/a_cidade. Acesso em 07 de agosto de 2023.

literatura não é algo simples e requer um certo olhar sociológico, pois uma obra literária contém muito mais que entretenimento; já o conhecimento técnico não é o bastante para a compreensão da realidade econômica. É onde entra a literatura, as narrativas são portas que nos dão acesso ao mundo da economia de uma forma mais simples e digerível. Por meio da ficção, é possível entendermos questões de divisão de classes, exploração do trabalho, acúmulo de capital, oferta e demanda, alienação do trabalho, inflação e tantas outras questões inerentes ao capitalismo e produção de riquezas; de alguma forma, a economia está presente na literatura e a literatura e a história estão conectadas com a economia.

Para Marx, o modo de produção capitalista visa à produção de bens e seu consumo. Esses bens são as mercadorias (alimentos, bebidas, roupas etc) às quais são atribuídos valores a fim de se proceder às trocas. Para se chegar a esses valores, levam-se em consideração diversos fatores, dentre eles, a matéria prima utilizada, o tempo gasto e a força do trabalho empreendida na produção. Após a atribuição de valores, o processo de intercâmbio é feito pelo dinheiro. Mas nem tudo é simples assim, Marx levanta a reflexão de que as pessoas fazem do consumo a razão primordial da vida em detrimento de outras atividades capazes de promover mais bem-estar e realização. O fato é que cada vez mais gastamos tempo e dinheiro fazendo compras em *shoppings*. Por outro lado, há aqueles que possuem dinheiro apenas para as condições mínimas de sobrevivência, a fim de que não morram de fome:

- Ela tá de jijum inté agora. Num guenta, gente, sem comer! O ca gente tá ganhano num dá pra matar a fome. Esses coroné quer mata nós de fome. É, quer matar nós.

- Vamo largar o sirviço. Num vamo ficar morreno de trabaíar pra ganhar um quarto de raspadura e um litro de farinha por dia não!

[...]

Seu pai lhe dizia que um dia iam ser livres. Sonhava com essa liberdade. Pena não ter alcançado a liberdade para ver o quanto vivia iludido. Pois para que ser liberto, se com essa liberdade nada podiam fazer? Nego Firmino tem um sonho besta igual seu pai. Jogou sua pá no chão e ia saindo... (Guimarães, 1991, p. 23-24).

Marx considerava o capitalismo um sistema excessivamente falho, pois normatiza a exploração do trabalhador. Para ele o dinheiro aliena o ser humano, reduzindo-o ao egoísmo e à animalidade, reproduzindo a indiferença e colocando a compra de mercadorias como a essência da vida humana. Assim, formou-se a Vila Beija-Flor, com mão de obra de trabalhadores escravizados, com muitos pobres trabalhando para manter/produzir poucos ricos.

A pobreza e a marginalização são sintomas de um problema grave no Brasil e, enquanto nossos políticos e economistas tratarem os sintomas ao invés da “doença”, provavelmente não teremos resultados satisfatórios. Desse modo segue nossa sociedade: nas trilhas do Capitalismo, atribuindo um valor desmedido ao dinheiro e aumentando o passo na corrida para sua obtenção. O dinheiro tem a capacidade de comprar praticamente tudo, aproxima os objetos e sujeitos, transmitindo a esses a virtual força e capacidades que possui. Diminui ou mesmo aniquila as limitações e incapacidades. Até mesmo

aqueles que não se encaixam em determinados padrões impostos pela sociedade, têm sua rejeição anulada diante da presença do dinheiro. Na Vila Beija-Flor, não era diferente, os grandes latifundiários eram mais que patrões de seus pobres agregados e ex-escravizados; eles eram seus “donos” e seus “senhores”. O dinheiro proporcionava a esses coronéis (assim como aos milionários da atualidade) tudo o que desejasse, como estar com as mais belas mulheres, conferindo-lhes total satisfação de suas vontades, sob quaisquer circunstâncias:

O coronel Atílio, inquieto, andava pra lá e pra cá. Volta e meia olhava o relógio, espiava pela greta da porta, blasfemando. “Não pode um homem de minha posição, pensava ele, ficar numa casa suspeita até essa hora da noite. [...] Como é que um homem de minha idade enrabisca com uma moça nova dessa e não larga? [...]”

- Senta, Coroné! Ela já vem.

- Aquela moça, Sa. Luzia, anda de déu em déu naquela venda e eu gastano com ela, feito um besta.

- Pru via qu’ela trabaia, coroné! A mãe... Hum! Vive de oi nela e ni Fulô. Mermo assim. Oia. Cum língua desse povo num tem quem dá jeito. Vancê bem sabe disso!

[...]

Quando saíram do quarto Sa. Luzia já os esperava na sala de dentro.

- Tem um cafezim, coroné!

[...]

O coronel tomou o café às pressas, no mesmo tempo em que colocava sob uma moringa que se encontrava numa mesa pequena, um dinheiro e foi dizendo:

- Sai primeiro, Santinha, que eu saio depois! (Guimarães, 1991, p. 19-21).

Percebe-se aqui que não é um diálogo sobre o amor e sim sobre o que o dinheiro pode comprar. Na Vila Beija-Flor o dinheiro estava nas mãos de poucos e conferia poder e prestígio para aqueles que o tinham. Leocádia era uma dessas pessoas que nada tinham e utilizava da força do seu trabalho para sobreviver. No entanto, ela tinha algo a mais: era considerada muito bonita, chamando a atenção de homens e causando inveja nas mulheres.

De vez em quando os patrões vinham no fim da tarde olhar o serviço. Naquela, não haviam encerrado o expediente ainda, quando chegaram José Pedro e Manoel Pereira. Ficaram próximos aos alicerces de pedras da barragem onde jogavam terra, quando depararam, dentre outras, com aquela jovem. Sua beleza chamou a atenção dos dois senhores e ficaram sem entender como uma moça tão bonita sujeitava fazer esse serviço. [...] Quando ela voltou, Zé Pedro pôde ver que sua saia estava rasgada de um lado. Sentiu um misto de piedade e desejo.

[...]

- É, ocê precisa sair desse trabalho que não é pro cé não. Não tá dano nem pra comprar um vestido! Oia aí, rasgado! Passa na loja que vou lhe dar um (Guimarães, 1991, p. 57-58).

Leocádia ficou muito envergonhada e indecisa, hesitando em decidir se deveria ou não aceitar o presente. Ao consultar sua tia, chegou à conclusão que estava precisando muito de um vestido novo e que não haveria mal algum em aceitar a oferta do coronel. Então, três dias depois, ao sair do trabalho, passou na loja do coronel José Pedro e recebeu como presente três metros de chita. Neste dia, estavam em frente ao estabelecimento dois vaqueiros do coronel, que estranharam muito ao ouvirem “Deus que

ajuda ao sinhô”, em vez de um pagamento. Esses homens comentaram com outras pessoas até que o fato tornou-se a “notícia” daquele vilarejo, muitos inclusive davam “detalhes” do caso extraconjugal do coronel. Não demorou muito para que o fato chegasse até a esposa, que recebeu a informação de forma descontrolada, prometendo vingança ao esposo e sua “amante”. Convocou, imediatamente, os vaqueiros propagadores da informação. Nesse momento, Raquel solicitou a eles que contassem o que sabiam e, após a conversa, disse-lhes que eles deveriam “dar um jeito” para resolver a situação:

- Um jeito cuma? [...]
- Dando um sumiço nela!
- Patroa, eu já falei pra vancê qui num faço mais esse trabai. – Recusou Tião de Março. [...]
- Comigo vancê pode contar, dona Raqué. Tô aqui pra cumprir a orde. Com a crueldade de um covarde e a subserviência de um bajulador, Marcolino acatou a ordem sem nenhuma objeção.
[...]
- Trata de calar a boca e fazer como Marcolino. Eu não quero nada de graça, não. Cês podem dizer quanto querem, que eu pago.
- Nós não sabe quanto é não, patroa. Vancê dá aí o qui achar qui vale.
- Se é assim, eu dou a vancês vinte tostão pra fazer o serviço. Tá bom?
- Num tá ruim, não. Mas vancê dá nós mais um agrado, dona Raqué.
[...]
- Eu vou dar os vinte tostão e meia arroba de café pra ocês, mas quero o serviço bem feito e a prova depois...
- Qui prova vancê quer? Informa Marcolino.
- Um seio dela inteirinho, numa capanga (Guimarães, 1991, p. 77-78).

4 A TRISTE VIDA (OU MORTE) DE UMA POBRE MENINA

E assim uma vida foi negociada por 20 tostões e 7,5 quilos de café. Os assassinos executaram o plano de morte de Leocádia e, antes de afundarem o corpo em um poço, retiraram os seios e os levaram até a idealizadora do monstruoso crime. Essa, por sua vez, foi até a cozinha e pediu à funcionária que saísse, pois ela mesma prepararia a carne que seria servida a seu esposo. Logo após, sentou-se à mesa com ele e, ao final, perguntou-lhe se havia gostado da carne. Ao receber a resposta afirmativa, ela confessou-lhe sarcasticamente que a carne servida era o seio da moça para quem ele deu um vestido.

Desse modo, a história da jovem Leocádia e a história da criação do município de Guanambi se permeiam e se fundem. Leocádia: uma menina pobre, recém-chegada à adolescência, sem ter o que comer ou o que vestir. Vila Beija-Flor: povoado em expansão, situado no alto sertão da Bahia, local marcado pela seca e grande dificuldade financeira da maioria da população (grande parte, escravos recém-libertos), situação agravada por longa estiagem denominada “seca de noventinha”, que arruinou a economia e aumentou exageradamente as desigualdades sociais, fazendo com que pessoas (incluindo Leocádia) trabalhassem em uma barragem em troca de um prato de comida e um pedaço de rapadura. Em 1891, Leocádia é torturada e assassinada, seu corpo é mutilado e jogado em um poço. Após o cadáver ser encontrado, um jornal de Caetité publica a notícia do horrendo assassinato, que é replicada

por vários jornais do país, fazendo com que o lugarejo ficasse conhecido, o que obrigou a autora/mandante do assassinato a fugir da vila com esposo e filhos, ficando o crime impune. Assim, surgem as narrativas em torno dessa personagem, que passou a ser cultuada como “santa”. Esse reconhecimento pode ser interpretado como uma forma de reparação, já que ela foi, de certa maneira, responsabilizada por sua própria morte. Essa perspectiva mascara o fato de que foi vítima de um crime monstruoso, refletindo as dinâmicas de uma sociedade patriarcal, sexista e racista. Desse modo, Leocádia e Guanambi se conectam, literatura e história se imbricam, ficção e realidade se misturam, passado e presente se agregam a fim de reconstruir a história do município, pois nenhum povo resiste sem memória. E, através dessas memórias, percebemos que em todas as sociedades existe sim a “lei do mais forte”, onde o poder é mantido com suporte do terror e do dinheiro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria Simara de. O conhecimento da história local como recurso para o letramento literário: Leocádia – história de uma menina, retrato de uma época. Dissertação de Mestrado, Profletras, Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Montes Claros. Minas Gerais, 2021.

Brasil tem 2^a maior concentração de renda do mundo, diz relatório da ONU. Globo G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/brasil-tem-segunda-maior-concentracao-de-renda-do-mundo-diz-relatorio-da-onu.ghtml>. Acesso em 03 de agosto de 2023.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.

GUIMARÃES, Elísio Cardoso. Leocádia. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: UNICAMP, 1990.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2009.